

ESCREVENDO E CONTRACENANDO JUNTOS: A ESCRITA COLETIVA E O TEATRO COMO CAMINHO PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ALFABETIZAÇÃO

Carolyna Azerêdo Quartezani Pinheiro¹

Rita de Cassia Cristofoleti²

Educação

Em que consiste a prática a ser relatada

Essa ação foi desenvolvida no Subprojeto de Alfabetização do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus, programa vinculado à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) conforme processo nº 23038.001033/2024-21, com crianças de uma turma de 2º Ano dos Anos Iniciais.

Podemos dizer que, diante de tantas dificuldades que atravessam a alfabetização e as possibilidades de escuta do professor ao aluno, é necessário possibilitar que as crianças se expressem através da oralidade. A produção de texto oral é um gênero textual, e neste cenário o professor pode auxiliar e atuar como escriba, promovendo o letramento³ (Soares, 2016) de forma que as vozes das crianças sejam, de fato, ouvidas. Além disso, a prática de reescrita coletiva de textos literários está prevista na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p 111), que surge como norteador para o planejamento do educador.

Segundo a BNCC (2018), no que tange o Ensino Fundamental I, a contação de história é objeto de conhecimento da oralidade como prática de linguagem, ou seja, deve ser incentivada dentro de sala de aula, a leitura e produção textual – mesmo que por texto oral, inclusive a fim de posicionar os alunos como “contadores de história”. Por isso, o projeto é pautado em um conto, e desenvolve posteriormente o movimento ativo das crianças da turma em relação a reescrita dele, confecção de materiais e a contação de história por meio do teatro.

Além disso, o fomento da literatura dentro de sala de aula de forma lúdica colabora para que o letramento (Soares, 2016) aconteça, o que proporciona que o aluno possa desenvolver-se na escrita com mais fluidez. É importante ressaltar que no Ensino

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus, e-mail: carolynaazeredo@gmail.com.

² Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo. rita.cristofoleti@ufes.br.

³ É a capacidade de usar a leitura e a escrita de forma funcional na sociedade, quando o indivíduo não só codifica e decodifica, mas sabe utilizar essas ferramentas na produção textual.

Fundamental de 09 Anos, é necessário trabalhar o letramento por meio da produção textual através de diversos tipos de linguagens, a fim de:

Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva. (Brasil, 2017, p 203)

Por isso, o objetivo principal desse projeto é proporcionar o desenvolvimento da reescrita coletiva e do teatro como formas de produção textual, de modo que as crianças conheçam outros tipos de textos e gêneros textuais durante a vida escolar. Deste modo, a extensão tem como objetivos específicos o desenvolvimento da reescrita coletiva de um conto em sala de aula como possibilidade de Alfabetização, com o teatro da história criada sendo protagonizado pelas crianças como produto final da sequência didática.

Metodologia

A extensão foi desenvolvida em uma escola pública da rede municipal de São Mateus-ES, vinculada ao PIBID, com uma turma do 2º Ano da unidade. Para que as atividades fossem propostas, foi necessário uma sequência de observações e anotações em diário de bordo por cerca de 10(dez) dias para o devido planejamento do projeto, que correspondesse com o trabalho da professora regente da turma, mas de forma lúdica e leve. Os sujeitos foram as crianças matriculadas na turma e a professora regente, selecionadas por conveniência a partir do vínculo estabelecido entre a escola e o Subprojeto de Alfabetização.

As atividades foram aplicadas em cinco encontros, com o objetivo de ampliar a compreensão da narrativa trabalhada, estimular a oralidade, a criatividade, a linguagem oral e a produção coletiva de texto. O primeiro encontro foi destinado a um momento de contação de história do conto “O Grúfalo” (2000), com uma roda de conversa de discussões e reflexões acerca do enredo, a fim de incentivar a leitura e a imaginação. No segundo dia foi realizada a reescrita coletiva deste conto, onde as crianças puderam desenvolver produção textual através da oralidade. No terceiro dia, foram disponibilizados pela estagiária materiais para que fosse realizada pelas crianças a confecção dos adereços e fantoches para o desenvolvimento do teatro da história inventada pelas crianças, para que então, no quarto dia, iniciassem os ensaios. Como a história produzida foi curta e criada pelos próprios alunos, não houve problemas para que eles absorvessem o conto, em vista que foi produção própria. No quinto e último dia, foi então vivenciado o produto final deste projeto: o teatro – apresentado por um grupo de 08(oito) crianças desta turma, para uma turma de 1º Ano dos Anos Iniciais, junto à

professora regente da turma e professores de apoio presentes. Para que a experiência do teatro ficasse mais lúdica, foi confeccionada pela bolsista uma cortina de TNT azul para que os alunos ficassem escondidos durante a apresentação enquanto mostram apenas os fantoches. Os resultados obtidos foram analisados de forma qualitativa, com base na observação das interações e nas produções coletivas, considerando a participação das crianças, criatividade na reconstrução da história e uso da linguagem oral.

Discussão e Resultados alcançados

No primeiro dia, realizou-se inicialmente um momento de contação de história do conto “O Grúfalo” (2000), onde as crianças puderam interagir sobre a história ouvida e vivenciar uma roda de conversa com a bolsista, de forma que fosse um momento de “leitura pela leitura”, sem cobranças de atividades, para que assim as crianças se sentissem mais à vontade e conectadas com a história.

No segundo dia foi dada continuidade no projeto a partir da contação de história do dia anterior. Com mediação da bolsista, foram levantadas hipóteses como: “E se o Grúfalo fosse amigo do ratinho?” ou “E se o ratinho não fosse esperto, e sim bobo?”. As crianças reconstruíram a sequência da história, compartilhando suas lembranças e interpretações, inventando um novo conto, e desta forma promovendo a produção textual e o contato das crianças com a literatura. A princípio as crianças compartilharam suas ideias oralmente, e, em um segundo momento, a turma participou da produção de uma história coletiva, reelaborando a narrativa original. As sugestões foram organizadas pela estagiária no quadro, à medida que surgiam, garantindo a participação de todos e a construção conjunta do texto, sem interferência na ideia construída pelos alunos.

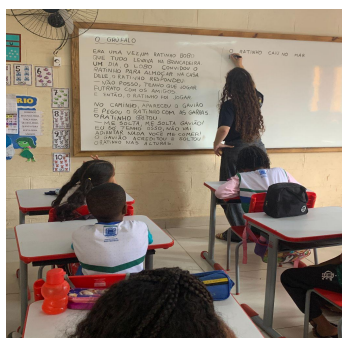


Figura 1 - Escrita coletiva

Fonte: Autor do trabalho (2025).

No início, as crianças acharam que era para escrever a história contada do jeito que

estava no livro, então foi explicado para elas que esse seria um reconto, ou seja, que a história poderia ser diferente contendo novos personagens e enredos. A bolsista se posicionou no quadro para atuar como escriba durante a atividade, escrevendo e organizando as histórias e ideias das crianças, os incentivando a criarem ideias novas para além do conto que havia sido explorado anteriormente. Os alunos iam levantando a mão e davam suas ideias para a história.

Durante a escrita coletiva, foi possível perceber que as crianças utilizaram elementos e pontuações do conto trabalhado para produzir suas próprias ideias, o que demonstra o desenvolvimento ativo do letramento quando a criança tem contato com a literatura:

À medida que a criança avança na compreensão do que é um texto, sobretudo por meio de convívio com a leitura, a mesma demanda de escrita de frases para as figuras pode orientá-la para reunir as frases em um texto. (Soares, 2016, p 257)

No dia seguinte, foi proposto para as crianças a apresentação do teatro para uma das turmas do mesmo bloco, uma turma de 1º Ano dos Anos Iniciais. As crianças se encantaram com a ideia e se interessaram em participar, o que deixou a divisão de papéis mais fluida. Neste mesmo dia, a turma foi organizada para a confecção dos adereços e fantoches que seriam utilizados no teatro, para que então, pudéssemos iniciar os ensaios no dia seguinte.



Figura 2 - Fantoches produzidos

Fonte: Autor do trabalho (2025).

Durante os ensaios o envolvimento dos *atores mirins* foi bem fluído, uma vez que foram os próprios que criaram a história, então não precisou-se decorar falas e enredos. O resultado foi satisfatório pois demonstrou o envolvimento das crianças em relação a todo o projeto e à atividade da escrita coletiva, que promove produção textual por meio da oralidade, manifestando-se como uma experiência possível dentro da prática escolar.

Para a realização da apresentação do teatro a turma foi organizada da seguinte forma: as carteiras foram para o fundo da sala para que todos assistissem sentados no chão, próximos ao quadro branco, onde ficaria posicionada a cortina de TNT. Desta forma a sala ficou mais espaçosa para que o teatro acontecesse e todos pudessem assistir com clareza.

A encenação fluiu com bastante naturalidade, tendo em vista que a história foi criada

pelos próprios alunos, então não era uma história a qual elas desconhecem, era uma história de autoria própria na qual eles se identificavam e se viam nela. A apresentação foi rápida, tendo em vista que a história era pequena e as crianças estavam inteiramente envolvidas com o projeto – da construção do texto até a confecção dos fantoches.



Figura 3 - Teatro com os fantoches produzidos

Fonte: Autor do trabalho (2025).

Foi uma prática com tempo suficiente para promover discussões, onde ambas as turmas puderam ter contato com o ambiente alfaletizador⁴, estimulando a curiosidade por meio da oralidade e da escuta atenta. Além disso, as crianças do 2º Ano puderam expressar sua imaginação e entender-se como vozes ativas no processo de ensino-aprendizagem.

O que se aprendeu com a experiência

As aplicações realizadas reforçaram a ideia de que a afetividade e o respeito às ideias de cada criança são elementos essenciais para a construção de vínculos e para o avanço no processo de alfabetização. Aprendi, sobretudo, que ser professor exige constante autoavaliação, disposição para aprender com a própria prática e compromisso com o desenvolvimento integral do aluno, respeitando seu ritmo, contexto e potencialidades.

Essa experiência consolidou em mim a certeza de que o ato de ensinar é também um ato de aprender, como afirma Paulo Freire (2003), e que a sala de aula é um espaço de construção coletiva, onde cada dia oferece novos aprendizados e desafios a serem superados.

Referências

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 2. ed.

Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DONALDSON, Julia. **O Grúfalo**. Ilustrações de Axel Scheffler. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

⁴ Ambiente onde ocorre a alfabetização e o letramento paralelamente.